



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Rússia desafia EUA e rejeita ultimato

Vice-chanceler do presidente Vladimir Putin alerta que Moscou não negociará com Kiev sob ameaça ou pressão e sinalizou a continuação do conflito, depois de Donald Trump conceder um prazo de 50 dias para Moscou assinar um cessar-fogo

» RODRIGO CRAVEIRO

O prazo de 50 dias, anunciado por Donald Trump, para que a Rússia encerre a guerra contra a Ucrânia, sob pena de sofrer tarifas de até 100% sobre os produtos exportados para os Estados Unidos, levou o Kremlin a adotar uma postura desafiadora. Sergey Ryabkov, vice-ministro das Relações Exteriores russo, declarou que Moscou sempre esteve pronta para negociar com Kiev, mas que não o fará sob ameaças ou ultimatos.

Especialista em EUA e principal negociador nuclear da Rússia, Ryabkov avisou que se o seu país não conseguir atingir os objetivos por meio da diplomacia, "o conflito continuará". "Somos inabaláveis nesta posição. Gostaríamos que Washington e a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) em geral tratassem esta questão com a máxima seriedade", cobrou. Além da ameaça de tarifa, a decisão de Trump de abastecer a Ucrânia com armamentos, por meio da Otan, irritou o Kremlin.

Depois de uma reportagem do jornal Financial Times, segundo a qual Trump teria pedido ao presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, para que aumentasse os ataques dentro do território russo, usando mísseis americanos, a Casa Branca não escondeu o mal-estar. Ao ser questionado por repórteres, o republicano respondeu: "Não, (Kiev) não deveria mirar Moscou". Apesar de afirmar que precisa de "mais tempo" para avaliar o ultimato de Trump, o porta-voz da Presidência da Rússia sinalizou a disposição de prosseguir com a guerra.

Dmitri Peskov disse que "a declaração do presidente Trump é muito séria". "Sem dúvida, precisamos de tempo para analisar o que foi falado em Washington". "Parece que essa decisão tomada em Washington, nos países da Otan e diretamente em Bruxela, será percebida por Kiev não como um sinal em favor da paz, mas para continuar a guerra", alertou o assessor de Vladimir Putin.

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, afirmou que gostaria de entender "o que está por trás" do ultimato. "Antes, também havia os prazos de 24 horas e de 100 dias, já vimos de tudo e realmente gostaríamos de entender a motivação do presidente dos EUA", explicou. Lavrov denunciou a "pressão indecente" exercida pela União Europeia e acusou a

Serviço de Imprensa Presidencial da Ucrânia/AFP



Volodymyr Zelensky, presidente ucraniano, rende homenagem a soldados mortos em combate, durante o Dia da Pátria, na capital, Kiev

Ministério das Relações Exteriores da Rússia/AFP



China promete mais apoio a Moscou

O presidente da China, Xi Jinping (D), declarou ao chanceler russo, Sergey Lavrov (E), que os dois países devem "reforçar seu apoio mútuo", informaram as agências estatais, depois da reunião entre ambos organizada à margem de um encontro ministerial da Organização de Cooperação de Xangai. Xi afirmou que China e Rússia devem "colocar em prática o importante consenso" alcançado com o presidente russo, Vladimir Putin, e "reforçar seu apoio mútuo em fóruns multilaterais", segundo a agência oficial de notícias chinesa Xinhua. Pequim e Moscou devem "unir os países do Sul Global e promover o desenvolvimento da ordem internacional em uma direção mais justa e mais razoável", afirmou Xi, segundo a Xinhua.

Otan de apoiar "grosseiramente" as exigências de Zelensky e de continuar a "inundá-lo com armas avançadas, causando danos crescentes aos contribuintes dos países ocidentais".

De acordo com a agência de notícias russa Tass, Lavrov fez pouco caso da ameaça de novas sanções

impostas por Washington a Moscou. "O número de sanções anunciadas contra nós é sem precedentes. Estamos lidando com isso, não tenho dúvidas de que lidaremos com isso", comentou. "Temos um ditado: 'Se você cavar um buraco para os outros, você mesmo cairá nele!'. As sanções

ALEX EDELMAN



Ucranianos saúdam a "Agente Melania"

Uma declaração de Donald Trump sobre a esposa, Melania Trump, foi o bastante para que ucranianos apelidassem a primeira-dama de "Agente Melania Trumpenko" e celebrassem o que seria uma influência na visão do marido em relação à Rússia. "Minhas conversas com ele (Putin) são sempre agradáveis. Eu digo, não é uma conversa adorável? E, então, os mísseis explodem naquela noite", disse Trump, ao se reunir, na segunda-feira, com Mark Rutte, secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). "Eu vou para casa, e digo à primeira-dama: 'Eu conversei com Vladimir hoje. Tivemos uma conversa maravilhosa'. Ela disse: 'Sério? Outra cidade acaba de ser atacada'", acrescentou o presidente americano.

impostas pela União Europeia e as que estão sendo preparadas em Bruxelas, juntamente com as tentativas de arrastar os EUA para esse vórtice de sanções, tudo isso causou danos severos à economia europeia."

Em entrevista por telefone à emissora britânica BBC, Trump disse que

não confia "em quase ninguém", ao ser questionado sobre se acreditava em Putin. "Eu estou decepcionado com ele, mas ainda não cansei dele", declarou. O presidente americano ironizou o comportamento de Putin. "Teremos uma ótima conversa. Eu direi: 'Isso é bom, acho que estamos

perto de conseguir", e, então, ele derubará um prédio em Kiev", afirmou. Ontem, as sirenes anti-aéreas soaram pelo menos três vezes em Kiev, capital da Ucrânia. Citado pelo tabloide britânico The Sun, o propagandista russo Aleksandr Sladkov recorreu à chantagem nuclear. "Trump tenta nos assustar com mísseis, mas é difícil fazer isso. Trump deveria estar amedrontado. Todo mundo está tentando nos empurrar para transformarmos Kiev e Lviv em Hiroshima e Nagasaki", ameaçou.

Em publicação na rede social X, Zelensky informou que manteve reuniões com diplomatas ucranianos do Ministério das Relações Exteriores e do gabinete presidencial. Entre os temas abordados, a aceleração do lançamento do Tribunal Especial para os Crimes de Agressão Russa contra a Ucrânia, em respeito ao direito internacional.

Pouco convincente

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla, afirmou ao **Correio** que observadores e políticos de alto nível na Europa não veem um discurso convincente de Trump. "Não entendemos o motivo de ele impor um prazo de 50 dias. Agora, a Rússia usará o poder de manobra. O governo de Putin anunciará a disposição em prosseguir com negociações, sob um novo plano de cessar-fogo formulado pela União Europeia. Infelizmente, não houve qualquer decisão em relação a novas sanções", explicou. "Isso torna a Rússia em posição de dizer que não está com medo. O comportamento de Trump não é convincente. Ele decidiu postergar o prazo de uma semana, para duas e, então, para 50 dias. Putin continuará a fazer o que desejar e dirá que não há razão para ampliar as sanções, ao sentir a hesitação do norte-americano."

Para Haran, é preciso ver como será implementada a entrega de equipamentos militares e de sistemas de defesa antimísseis Patriot. Na segunda-feira, Trump anunciou que os EUA venderão as baterias anti-aéreas Patriot para a Organização do Tratado do Atlântico (Otan), e a aliança militar ocidental terá a incumbência de repassá-las à Ucrânia. "Há frustração do lado ucraniano, não por causa das declarações da Rússia, mas por conta da hesitação de Trump em tomar ações decisivas e pressionar Moscou", acrescentou.

VENEZUELA

ONG denuncia crimes contra a humanidade

As autoridades venezuelanas cometeram, e continuam a cometer, desaparecimentos forçados, dentro da política de repressão, acusou a ONG Anistia Internacional. No relatório intitulado Detenções sem um rastro: o crime do desaparecimento forçado na Venezuela, a ONG debruçou-se sobre os casos de 15 cidadãos que desapareceram entre as eleições presidenciais de 28 de julho de 2024 e 15 de junho de 2025.

A conclusão é a de que as violações de direitos humanos representam crimes contra a humanidade. Segundo a Anistia Internacional, o regime de Nicolás Maduro tem se dedicado a um "ataque sistemático e disseminado contra a população civil".

"Mais uma vez, as autoridades venezuelanas demonstram que sua crueldade não tem limites. Desaparecimento forçado significa não saber onde está seu familiar, em que condições se encontra, ou mesmo se está vivo ou morto. É um crime que coloca em grave risco a vida e a integridade da pessoa desaparecida e submete sua família a um sofrimento constante, marcado pela incerteza, angústia e tormento diário de ser deixada sem saber o paradeiro de seu ente querido", afirmou Agnès Callamard, secretária-geral da Anistia Internacional.

Callamard fez um cobrança aos governos do mundo para que tomem uma atitude em relação aos crimes perpetrados pelo regime de Maduro. "A comunidade internacional não

Yuri Cortez/AFP



Moradores de Caracas acendem velas em protesto pela paz

pode normalizar ou ignorar a crise de direitos humanos na Venezuela. A escala e a gravidade dos crimes cometidos no país — em particular o desaparecimento forçado de pessoas — devem despertar a consciência mundial e impulsionar a Justiça internacional a agir. Como crime internacional, não implica apenas a responsabilidade do Estado, mas também a responsabilidade criminal dos funcionários que o cometem", advertiu.

Até a publicação do relatório, 11 das 15 vítimas de desaparecimento forçado ainda permaneciam com o paradeiro desconhecido. A organização civil venezuelana Foro Penal também documentou 46 casos de pessoas "possivelmente desaparecidas à força." "Diante da prática implacável

de crimes de direito internacional, incluindo crimes contra a humanidade, e da impunidade prevalecente no país, apelamos ao Gabinete do Procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI) para que faça progressos firmes na situação na Venezuela e considere incluir o crime contra a humanidade de desaparecimento forçado na sua investigação", disse Callamard. Ela instou as autoridades de Caracas a colocarem fim à prática, "sem desculpas ou demora". "As famílias têm o direito de saber o destino e o paradeiro de todos aqueles que foram desaparecidos à força. Além disso, todas as pessoas detidas arbitrariamente por motivos políticos devem ser libertadas imediatamente."